

Mônica Carvalho



OS CAMINHANTES



OS CAMINHANTES

Mônica Carvalho

OS CAMINHANTES

4ª edição



Rio de Janeiro

2019



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Os Caminhantes
Copyright © 2019, *Mônica Carvalho*
Todos os direitos são reservados no Brasil

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 - sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

Thiago Souto

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

PoD Editora

Foto Capa:

pixabay.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C325c

4. ed.

Carvalho, Mônica

Os caminhantes / Mônica Carvalho. - 4. ed. - Rio de Janeiro : Pod, 2019.

178 p. ; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-8225-264-2

1. Romance brasileiro. I. Título.

19-60643

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

21.10.2019

Dedicatória

Este livro é dedicado ao meu marido, meu amor, meu companheiro, como agradecimento ao apoio fundamental que me deu para escrevê-lo e em tudo que invento fazer, experimentar, viver!

Nos últimos anos, temos vivido aventuras incríveis juntos, desde um almoço que reúne uma imensa família a viagens de moto pelo mundo. Mas a maior delas têm sido nossa dedicação em nos tornarmos pessoas melhores e cooperarmos para melhoria do mundo na nossa humilde área de influência.

Juntos, vamos evoluindo aos poucos, observando, aprendendo, aconselhando e acolhendo, discordando e nos resignando aos fatos e ao que não nos compete modificar. Juntos, vamos aprendendo a dar espaço e importância à alegria e à leveza e, entre um percalço e outro, vamos nos alinhando como indivíduos e como casal.

Luiz Carlos, por todos os nossos projetos, dedico “Os Caminhantes” a você, que segue comigo na caminhada, surpreendendo-me a cada dia com seu carinho por mim, pelo que já construímos e por tudo que ainda pretendemos realizar.

Te amo da forma mais exuberante que poderia amar, abundantemente, profusamente, ricamente, respeitando-o e admirando-o com reverência pelos seus valores e pelo olhar condescendente e amável que sabe preservar diante da vida.

Obrigada, meu amor!

Homenagem (*In memoriam*)

Este romance foi concebido aos poucos. Mas antes de começá-lo, pensava em qual seria sua estrutura, em como daria forma ao que gostaria de escrever.

A escolha por projetar um mundo para daqui a cem anos tornou ainda mais complicada a escrita. Mas um poema que recebi de um amigo querido, quando ainda tinha 16 anos de idade, ajudou-me a organizar os pensamentos e me inspirou a mostrar o contraponto que ele havia criado.

“Os Caminhantes”, que era o nome do poema de três folhas, escrito por Victor Anderson Rettore, impactou-me bastante, mas apenas dez frases permaneceram na minha lembrança depois de tantos anos, as mais fortes, provavelmente. O restante se foi da minha mente com o tempo, pois só o li uma vez.

Victor me deu o nome do livro e os títulos dos seus capítulos. Agora, tenho a oportunidade de oferecer-lhe a solução para suas angústias de poeta.

Como acredito na conexão entre os planos espiritual e material, gosto de pensar que ele esteve próximo a mim enquanto escrevia a minha versão dos que caminharam por mais de cem anos e conseguiram um grande avanço na evolução moral humana.

Daqui, agradeço imensamente por ter me inspirado e, no momento oportuno, o farei pessoalmente!

Prefácio

Fui escolhida para este prefácio porque, há muitos anos, escrevi um livro no qual um dos personagens foi inspirado na autora de “Os Caminhantes”. As características que inspiraram aquele personagem – fortaleza, coragem e resiliência – transparecem nos valores que este escrito expressa, pois permaneceram na personalidade da autora. Além disso, ela inspirou uma poesia cujos fragmentos estão aqui, nos títulos dos capítulos e em suas entrelinhas. Ou seja, aquela que tem sido inspiradora quer também trazer inspiração para seus leitores. E aqui está!

Neste livro, vamos caminhar por um conflito ético e legal, cuja solução não é simples nem fácil. Suas implicações afetam gerações, ultrapassam os limites familiares e os da simples observação das leis. Vamos também nos deparar com possibilidades de evolução humana que vão além do desenvolvimento tecnológico e acabam se revelando muito mais importantes.

Mas como tudo que nos é confrontado e coloca em xeque nossas convicções, o conflito também nos traz uma oportunidade de iguais proporções. A oportunidade de, enquanto humanos, reconhecermos nossos limites e tentar superá-los. Valorizá-los, na medida em que nos alertam sempre para a nossa humilde humanidade, mas nunca a ponto de deixar que eles nos paralisem e nos acomodem, tornando-se barreiras para as manifestações do infinito que habita em nós.

Vamos também perceber o quanto a espiritualidade e o otimismo podem nos conduzir a uma visão de mundo, de humanidade e de ser humano que inspira, com inteira convicção, um futuro melhor, construído de forma diferente. Por isso, este livro é uma manifestação positiva e clara da crença no potencial e no bem que os seres humanos podem fazer por si mesmos, pelos outros e pelo planeta.

Enfim, acredito que o prefácio não precisa ser mais do que um convite para partilharmos esta muito antiga aventura virtual, que é mergulhar em emoções e conhecimentos experimentados por todos aqueles que têm a oportunidade de contato com a boa literatura.

Então, como diria Artur, boa leitura e boas reflexões!

Claudia Maria Machado França

Sumário

Capítulo I

NÓS, OS SUBJUGADOS, OS DE ESPERANÇA INCOMPLETA.....	13
---	----

Capítulo II

QUE ERGUEMOS TEMPLOS E DEIXAMOS O HOMEM DORMINDO NO CHÃO.....	31
---	----

Capítulo III

NÓS, CÍNICAS VÍTIMAS QUE REPRESENTAMOS PARA UMA PLATEIA AUTOMÁTICA.....	47
---	----

Capítulo IV

QUE MATAMOS O PROFETA NO PONTO DECISIVO E PERDEMOS PARA SEMPRE A MENSAGEM.....	57
---	----

Capítulo V

QUE MORREMOS UM POUCO EM CADA CORPO QUE TOMBA EM VÃO.....	69
--	----

Capítulo VI

NÓS, QUE
VIAJAMOS EM
NAVES BLINDADAS E NÃO VEMOS O CAMINHO..... 87

Capítulo VII

QUE CHEGAMOS
À LUA E NÃO
CHEGAMOS EM
NÓS MESMOS 99

Capítulo VIII

QUE PERDEMOS
DEUS ANTES DE
POSSUÍ-LO 113

Capítulo IX

OS DA CAVERNA,
QUE DESCOBRIMOS
O FOGO E PERDEMOS
A LUZ..... 131

Capítulo X

QUE NOS
AGARRAMOS AO TRONCO EM ALTO
MAR E PRECISAMOS
DO AMOR E DA
VOLTA PARA
QUE POSSAMOS
CONTINUAR..... 151

NÓS, OS SUBJUGADOS, OS DE ESPERANÇA INCOMPLETA

Artur, um homem alto, de pele morena, olhos castanhos amarelados, mãos macias e fortes, feições marcantes. Carregava tanta leveza e tanto rigor, que inspiravam um paradoxo. Vestido como qualquer homem, tinha um andar que atraía atenções, apesar de se fazer invisível quando necessário. O mais encantador sorriso, claro e aberto, com uma voz que marcava as conversas e soava como um trovão nos momentos de zanga.

Vinha esse homem por uma rua que já não era mais tão arborizada e larga como nos tempos de infância, mas ainda era acolhedora de alguma forma, pois, pelo que lembrava, passava por ela todos os dias de sua vida ou pelo menos nos dias comuns. Nos incomuns... bem, não se lembrava.

No caminho, percorria o olhar pelas casas, pelas vilas pequenas e suas flores, porque talvez já fosse primavera. Conhecia tanto as calçadas, que desviava das elevações do concreto em torno das árvores sem olhar para o chão. Era como se deslizesse, ainda que o seu pisar fosse marcado por um ruído seco que vinha das solas dos sapatos. Olhava tudo, mas via pouco. Sua mente fervilhava de pensamentos sobre o que passaria daqui a pouco.

Pensava que se ao menos conseguisse ser natural na conversa que teria quando chegasse ao final da rua, dobrando à direita, poderia atingir o principal objetivo naquela tarde quase noite. Mas não conseguiria, em se tratando de um assunto tão delicado e que envolvia pessoas com quem lidava a vida toda. Algumas até muito importantes para ele, outras nem tanto. Sentia-se como se toda a responsabilidade daquela situação fosse exclusivamente sua e não havia conseguido construir um cenário e um texto para organizar a difícil conversa que conduziria.

Não tinha um tempo estabelecido para a tal conversa, mas do que valia não ter prazo, se a conversa, por si só, era urgente e teria que ser travada hoje ou amanhã? Melhor então que fosse logo, para se livrar de um problema e começar a tratar do próximo, que provavelmente seria decorrente da conclusão a que todos chegariam naquele dia.

Pensou então que seria uma dádiva encontrá-los já conversados, com a conclusão tirada e a ele se dirigindo somente para informá-lo sobre a decisão. Talvez, se chegasse atrasado ou se nem dobrasse à direita no final da rua e aguardasse que um deles viesse lhe procurar com a conversa feita, dizendo-lhe qual seria a sua parte a partir daí. Não, claro que não seria fácil assim, simplesmente porque nunca o foi. Sempre dependiam dele, de sua voz, de sua perspicácia, de sua altivez para reunir opiniões e considerá-las de acordo com sua relevância.

A esquina se aproximava. Alguém que passava o cumprimentou, e ele aproveitou para puxar todo o ar do mundo pelas narinas depois do aceno de mão que deu ao conhecido. Solto o ar barulhento e ao dobrar à direita avistou a casa branca de janelas azuis, com azulejos portugueses emoldurando a porta de entrada, que ficava na direção dos seis degraus que começavam a dois metros do portão também azul, de um metal pintado, bem pintado. A casa ficava no alto, acima dos seis degraus, e estava assentada na terra, onde nasciam flores de várias cores, formando uma imagem digna de um quadro. As luzes acesas

iluminavam a rua. Mas parecia que ali estava se organizando uma festa que em pouco tempo teria início.

Artur se deteve, admirando o “quadro”, as paredes bem-acabadas, o telhado limpo, as janelas abertas com cortinas românticas que escondiam o que acontecia do lado de dentro. Pensou que daqui a algumas horas estaria naquele mesmo lugar, de costas para a casa, caminhando para sua nova missão.

Alguém lhe disse há alguns anos que a vida é uma sucessão de missões. Isso se você leva a vida a sério. Para os que não a levam a sério, ela não passa de uma sucessão de tempo. “Pois bem, eis a missão de hoje, a que vai mudar todas as outras missões da minha vida”, pensou em voz alta.

Abriu o portão e o empurrou num só movimento, percebendo que a casa havia ficado em silêncio absoluto de repente. Não sabia se já estavam em silêncio antes do ruído do portão, mas teve a impressão que não. Subiu os degraus e reparou que seus pés não cabiam neles. Na verdade, em alguns segundos, ele também não caberia naquela casa.

Abriu a porta que fora deixada encostada e tudo estava como ele conhecia e esperava. Todos sentados, olhando para a porta. Ele passou os olhos pela sala ampla, chão de tacos claros, bem lustrados. Alguns quadros coloridos nas paredes, móveis escuros, clássicos, dois grandes tapetes mais puxados para o vermelho, com algumas cores claras que harmonizavam o ambiente. Não reparou em nada disso, mas conhecia aquela sala como ninguém. Mesmo sem tirar os olhos dos olhos das pessoas, sabia que tudo estava lá, por trás deles.

— Boa noite a todos — disse. Ouviu um coro desejando-lhe o mesmo, onze vozes de uma só vez. Era ele o décimo segundo envolvido naquela que seria a situação mais grave da qual fez parte nos seus 31 anos de vida. Havia mais uma pessoa, a causadora de tudo, que não estava presente.

Serviu-se de um chá que ocupava a mesa de canto da sala e sentou-se numa cadeira estreita, forrada com um tecido claro, o que a tornava aconchegante. Os outros onze sentavam-se nos três sofás que fechavam um retângulo com a cadeira estreita. A cadeira deixada para ele confirmava a sua importância naquela conversa. Sendo assim, deu início à sua explicação:

— Assim como vocês, estou aqui para que saíamos desta conversa com uma solução que atenda a todos. Uns terão que ceder nas suas opiniões e pretensões em prol da maioria. Vou conduzir apresentando-lhes a minha visão sobre os fatos e gostaria que ficassem à vontade para me interromperem se julgarem oportuno. Porém, inicialmente, preciso dizer-lhes que é muito importante que a sensatez e a calma estejam presentes durante todo o tempo em que aqui estivermos. Estamos tratando de uma situação grave que mudará nossas vidas para sempre. Preciso lembrá-los que nossa decisão não terá volta e, por este motivo, temos que usar de toda a nossa sensibilidade, para que a decisão seja a mais madura e apropriada possível.

Uns acenavam com a cabeça; outros ficavam imóveis, olhando atentamente para Artur, que projetava o corpo para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. As pernas abertas davam a impressão de que não cabia na cadeira estreita, mas parecia que os dois, ele e a cadeira, estavam muito acostumados um com o outro.

Enquanto falava, olhava nos olhos de cada um, expressando sua autoridade e credibilidade, o que lhe atribuíam mais idade do que tinha e mais experiências do que havia vivido. Fazia alguns movimentos com as mãos e as cruzava de vez em quando, levando-as ao queixo, como apoio da cabeça. Tudo nele inspirava confiança e diplomacia. Tudo, menos o seu coração, que batia forte como um bumbo. Mas isso só ele percebia.

— Pillar, minha querida, peço licença para falar de seus atos cla-

ramente nesta sala, pois não poderia ser diferente. Você nos levou a isso — continuou Artur.

Pillar, a moça que em nada se parecia com Artur, era sua irmã não biológica. Foi adotada ainda bebê pelos pais de Artur e nem havia completado 20 anos. Dona de uma segurança impetuosa, estava naquele momento sentada com as mãos escondidas entre as pernas cruzadas, de roupas simples, as quais não costumava usar. Os cabelos caíam em cachos pelos ombros, e o queixo encostava no peito, com o olhar fixo no tapete. Cumpria o ritual que a situação exigia, mas a qualquer momento poderia se exaltar, pois era de temperamento forte e não admitia injustiças. Tinha certeza de que ali se faria uma injustiça, qualquer que fosse a decisão tomada.

Seus olhos negros combinavam com os cachos da mesma cor. A pele clara e a baixa estatura lhe conferiam um ar ainda mais jovem, mas sempre foi tratada pelo irmão pelo que era de verdade: a impetuosa Pillar.

— Muitas vezes a protegi, Pillar, pois era minha obrigação como irmão — lembrou Artur. — Mas nunca a deixei sem a devida orientação para corrigir seus erros. Você sempre foi muito amada por nossos pais e, como não estão mais entre nós, minha posição é ainda mais delicada, já que me sinto responsável por você.

Fez um curto silêncio antes de prosseguir...

— Quando soube que estava envolvida com o grupo de estudos da faculdade, me alegrei, pois é um bom caminho, mas sempre fiquei atento para tentar perceber se este envolvimento seria bom para você. Agora sabemos que não. Pois bem, para não cansar ninguém com a descrição dos fatos, serei breve, pois os tenho repassado em minha mente dia após dia. No dia em que decidi ingressar oficialmente no grupo de estudos, entendi que em breve se tornaria líder do mesmo, já que me parece a mais inteligente e madura. Na minha inocência,

essa sua sede por liderar era coisa de menina, uma forma de ganhar a confiança de todos rapidamente, como sempre tentou fazer comigo, apesar da nossa diferença de idade. Tenho que admitir que consegui me conduzir muitas vezes a tomar atitudes sem pensar, só pela sua eficaz manipulação. Mas isso não vem ao caso neste momento. O que nos interessa é o fato de ter decidido descumprir a lei e praticar um ato que há mais de 50 anos não é praticado no nosso país, pelo menos que a Justa Polícia o tenha conhecido. A sua paixão pelo correto a ludibriou e, sem avaliar as consequências, tomou como possível a entrega de um bebê para adoção antes da morte da mãe biológica, já que era um caso de fertilização unilateral.

Pillar ameaçou falar, mas Artur prosseguiu sem lhe dar a chance.

— Acredito que vocês conheçam os argumentos de Pillar, que já conversou de forma reservada com todos aqui presentes. Mas nenhum de seus argumentos é forte o suficiente para livrá-la da responsabilidade pelo seu ato.

Pillar, acreditando que seria a melhor opção para a mãe, que se encontrava em estado de degeneração acelerada do sistema imunológico, em função de uma doença autoimune, descoberta no início da gravidez, levou o bebê em seus braços para o Centro de Cuidados e Adoção Infantil. Fato é que este bebê seria encaminhado para adoção de qualquer forma, mas só após a morte de sua mãe.

A mãe deste bebê, Eleonora, que era monitora chefe do Grupo de Pesquisas de Mudanças Climáticas da Universidade Brasileira de Desenvolvimento Humano, apegou-se rapidamente à nova estudiosa quando Pillar ingressou no grupo, há dois anos, e lhe repetia sempre que chegaria ao cargo de monitora antes mesmo de completar os estudos neste grupo.

— Como o grupo é uma extensão das aulas teóricas e se destina à reflexão e projeções para os próximos séculos, oferecendo cinco reuni-

ões por semana sobre temas diversos, Pillar tinha a liberdade de escolher dois temas. Os outros três eram indicação dos monitores, visando melhor aperfeiçoamento com integração de informações e debates relevantes. Todos aqui sabem como funciona a formação acadêmica, mas considero importante compor o contexto da situação em que Pillar se encontrava, para não correremos o risco de deixarmos de lado algo que poderia nos valer de defesa para a minha irmã. Sabemos que Pillar estava há seis meses de receber o título de Agente de Melhorias, que é oferecido aos estudiosos que se destacam em todos os grupos de pesquisas do país e desejam trabalhar em prol da regeneração global. Com este título, poderia seguir seu grande ideal de ser líder de Projetos de Energia Sustentável, que há cem anos começava no mundo através de iniciativas isoladas, de pouca influência, e hoje gera um terço dos empregos do planeta e nos livrou do uso do petróleo e outras fontes de energia suja. Legalmente falando, após o erro de Pillar, não existe possibilidade de conseguir tal título, muito menos de se credenciar profissionalmente após os cinco anos de exercício como tal. A menos que a nossa decisão seja de não denunciá-la. Eleonora tinha um prognóstico de viver somente um mês após o nascimento do bebê. Como a nossa medicina tem se mostrado muito assertiva em tratamento e prognóstico, após a Unificação Médica Mundial de 2090, não poderia prever que pudesse ainda estar viva, já que o bebê está completando um ano e vive com saúde e harmonia com a família que o adotou, um casal sem filhos biológicos por opção. Tive o cuidado de verificar o relatório de acompanhamento de adotados, disponível para nós, professores da Universidade Brasileira de Direito e Justiça. Pois bem. Há uma semana, fiquei chocado com a conversa que tive com Eleonora, que me visitou na universidade. Ela me contou que Pillar, além de ajudar a cadastrar o bebê como disponível para adoção, o levou até o Centro de Cuidados e Adoção Infantil do Rio de Janeiro. Obviamente, abalado pela conversa e prevendo consequências devastadoras, deixei de lhe fazer algumas indagações importantes e tive que conversar

com ela pessoalmente ainda mais duas vezes, para evitar os grampos virtuais aos quais todos estamos sujeitos pelo Código de Ética Brasileira. Tomar esse cuidado já me custou noites de sono, pois sempre fui um defensor de que, randomicamente, todas as interações virtuais possam ser grampeadas, apesar de não gostar do termo grampo, mas respeito o seu uso em homenagem a todo o processo de combate à corrupção travada por um grande juiz no início do século passado, que o utilizou para desmanchar esquemas de corrupção inacreditáveis. A máxima “quem não deve não teme” está me fazendo refletir muito nesses últimos dias. Na nossa última conversa, Eleonora me contou aos prantos o real motivo de ter me procurado: quer seu filho de volta, mas não quer envolver Pillar ainda mais, a ponto de prejudicar seu futuro. Estamos aqui reunidos para, juntos, decidirmos como solucionar este difícil problema que envolve uma mãe que julgou que seria mais fácil não ver o bebê, já que morreria um mês após o seu nascimento, que comprou um atestado de óbito e cremação de um perseguido da Justa Polícia e teve sua pupila e amiga como ajudante para o cadastro e entrega do bebê, de quem se declarou protetora judicialmente, até que a adoção fosse concluída. Agora essa mãe quer seu bebê de volta, pois seu prognóstico de vida estava errado, mas não sabe o que fazer para tirá-lo do casal que o adotou, que o ama, sem praticar mais atos ilegais.

Neste momento, Artur olhou fixamente para Pillar com um olhar diferente, que nem ela compreendeu. Era uma mistura de compaixão e raiva, que só desapareceu quando uma voz mansa tomou conta da sala:

— Sugiro, então, que tratemos das duas situações de forma distinta. Devemos decidir, em primeiro lugar, se denunciaremos Pillar ou não. E depois como poderemos resolver a grave situação em que Eleonora se encontra, sem nos esquecermos dos pais adotivos de seu filho, obviamente, pois estes são as vítimas de toda essa situação.

A mansidão da voz denotava a sabedoria de Ester, uma senhora pequena, estrábica, de cabelos lisos pretos, curtos, que exalava um cheiro cítrico, fresco. Era quase sempre o bom senso em pessoa e refugiava-se na cozinha para se isolar e pensar. Cozinhava pratos deliciosos, cheios de temperos, aromas e gostos que pareciam se misturar aos poucos na boca e na lembrança de todos que a visitavam. A casa em que estavam era de Ester, que já havia passado o dia preparando delícias adequadas ao momento difícil que seria esta reunião.

Ester era avó de Artur e Pillar e de mais duas moças ali presentes: Lia e Thaís, filhas de sua filha mais nova, também presente, Melissa. Mel era seu apelido, que não combinava com a fortaleza que demonstrava. Nada lembrava docilidade em Mel, apesar de ser muito respeitosa e caridosa com todos que a cercavam.

Criou suas filhas com alguma rigidez de valores, mas sempre lhes ofereceu a possibilidade do debate edificante. Lia e Thaís eram muito parecidas fisicamente com a mãe e em certos momentos já se percebia que Lia, a mais velha, seguiria seus passos.

Thais era mais descontraída e não era de perder uma única oportunidade de fazer piadas e provocar gargalhadas. Só nestes momentos, somente assim, Mel era vista rindo, despreocupada, leve. Na verdade, ela entrava em crises de risos com as bobagens da filha e abanava as mãos, pedindo ao marido que a fizesse parar, implorando ajuda para logo em seguida voltar à seriedade.

Seu marido, pais das meninas, era Amon, um homem de fortes convicções políticas e admirador apaixonado dos grandes feitos da esposa. Falava dela como se fosse sua criação e, ao mesmo tempo, como se existisse somente para admirá-la.

Contava a todos a luta de Mel pela recuperação do estilo de casas portuguesas e sempre chegava na parte em que dizia que além de criar e coordenar o maior projeto de recuperação arquitetônica do país, ela

ainda influenciou novos arquitetos a usarem o estilo novamente, associando romantismo e tecnologia, simplicidade e praticidade. Este era o momento em que respirava fundo, esticando-se todo para trás, e finalizava dizendo: “Aí sim, ela realizou seu sonho de arquiteta!”.

Amon era médico especialista em reconstrução cardíaca natural, método comprovadamente eficaz, que permitia a regeneração total do coração em menos de um ano, com a simples aplicação de células tronco no órgão. Método simples, porém de suma importância para curar cardiopatias graves. Era admirado por toda a família pelo seu temperamento manso e dócil e também pela sua dedicação à profissão, que salvava tantas vidas. Não era chegado a elogios e se disfarçava atrás das realizações de Mel, para que as suas não fossem comentadas.

Mel o amava como se fosse parte de si mesma. Nada existia de verdade antes de ser compartilhado com ele. Quase sempre eram cúmplices nas decisões e quando tinham alguma desavença, parecia-lhes que aconteciam por motivos insignificantes e sem nenhuma importância. Gostavam da companhia um do outro e se ajudavam mutuamente no dia a dia de muito trabalho.

Amon perguntou se concordavam com o que Ester sugeriu.

Todos concordaram, mas não tinham coragem de apresentar suas opiniões. Ester, sem demora, fez ainda mais uma sugestão. Pediu que Pillar fosse ouvida, mas, para surpresa de todos, ela se recusou, dizendo apenas que talvez mais tarde viesse a falar. Estava chorando, visivelmente emocionada e triste.

Mel perguntou quem então gostaria de complementar a detalhada descrição de Artur. Uma voz triste e quase inaudível veio de alguém sentado no sofá que ficava à direita de Artur:

— Eu gostaria de complementar com uma questão. Me pergunto e preciso saber se Eleonora está curada ou se ainda há risco de

morrer em função da sua doença? É importante essa informação, pois devemos avaliar se vale a pena agirmos para mudar a vida deste bebê e da família que o adotou, para no final tudo voltar à situação projetada pelo plano de Eleonora e Pillar.

Era Sil, a irmã de Amon. Sil era uma moça franzina, magrinha, magrinha, com dentes bonitos, de uma postura prática no dia a dia. Tinha apenas dezenove anos e admirava Pillar e sua impetuosidade. Estudava medicina para trabalhar com o irmão num futuro próximo.

Como ambos foram criados com muita dificuldade pelos pais biológicos, que eram agricultores pouco dedicados ao trabalho, resolveu seguir os passos de Amon, já que era bem-sucedido.

A produção agrícola estabelecia financeiramente diversas famílias como pequenos produtores certificados com o selo mais importante do país na área, o de Produtor Orgânico, fornecido pelo Ministério da Agricultura. Selo que nunca sequer foi solicitado pelos pais de Amon e Sil, e acabavam comercializando seus produtos entre vizinhos e parentes, que compravam muito mais por consideração do que por necessidade.

Numa dessas vendas de porta em porta, que acontecia sem muita frequência, Amon conheceu Mel, com apenas treze anos de idade. Aos poucos foi se integrando à família e sendo considerado como filho por Ester. Sil vinha a reboque e ganhou seu espaço na família, mas continuava a morar com os pais, num sítio próximo ao bairro da casa de Ester.

Todos concordaram com Sil, e Pillar se levantou neste momento, tomando a palavra à sua maneira. Tinha o hábito e a facilidade de arrebatar seguidores quando começava a falar.

— Agradeço a presença de todos aqui, principalmente pela intenção de me ajudarem a sair dessa situação em que me meti, mas, sin-

ceramente, acho que eu mesma posso resolvê-la sem a ajuda de vocês. Tenho pensado em me declarar culpada pela situação, esclarecendo à Justa Polícia todo o contexto e tenho esperança de ser absolvida em função de minhas intenções. Obviamente, Eleonora estará complicada comigo, mas como ela tem intenção de fazer o mesmo e sem me envolver, acredito que a minha decisão seja ainda melhor que a dela. Quanto à família que adotou o bebê de Eleonora, a própria Justa Polícia cuidará.

Nesse momento, Artur se levantou como um tigre e falou com a voz grave e nervosa, como se tivesse dominado por uma revolta incommum para um homem tão equilibrado.

Não aceito seus agradecimentos, da mesma forma que não vejo lucidez e sensatez em você para tomar mais alguma decisão sozinha. Ainda que me doa muito saber que terá que sofrer as consequências pelo que fez, se assim for, será justo. Mas deixar que a vida dessa família e a do bebê possam ficar a cargo da decisão fria da Justa Polícia me causa náuseas. Você e Eleonora provocaram essa triste situação e terão que participar dela até o final, principalmente no que se refere às vítimas das suas atitudes. Você está me envergonhando, Pillar.

Pillar se sentou e recebeu um chá da mão de Ester, que também foi oferecido a Artur logo em seguida.

Aos poucos foi se ouvindo um choro reprimido, que vinha de alguém ao sofá à esquerda de Artur, onde os três irmãos de Eleonora estavam. Um deles, o mais velho, tentava se controlar sem sucesso. Foram convidados por Pillar para representar Eleonora, que não estava em condições emocionais e se internara numa clínica de descanso por uma semana, para tentar sair de lá com alguma decisão tomada. Pillar achou melhor convidá-los para que as duas famílias tivessem alguma interação, já que Eleonora não tinha mais ninguém por perto além deles, pois sua família, composta pelos pais, uma avó e uma tia avó, vivia

do outro lado do mundo, isolada numa cidadela na região central da China, dedicada à criação de abelhas e comercialização de mel.

A pequena fazenda era linda, bem cuidada e afrontava a modernidade, produzindo mel de forma natural, como os antigos, sem manipulação, respeitando o tempo das colmeias e da vida. Exportavam mel para vários países e tinham uma situação financeira abastada, que garantiu os estudos de Eleonora, Vitor, Felício e Samir no Brasil. Os rapazes escolheram ficar com Eleonora quando a família se decidiu pela China.

Estudaram praticamente juntos e se formaram em Negócios Internacionais, o que os fez expandir a exportação da produção de mel da família. Mas se dedicavam mesmo à exportação de tecnologia de segurança brasileira para países em desenvolvimento, que surgiram após a extinção do terrorismo e do fanatismo religioso no mundo, há aproximadamente quarenta anos.

Muito devastados e concentrados em regiões inóspitas, os países afetados por sucessivas guerras sucumbiram, e os terroristas que viviam escondidos nos escombros de guerra foram capturados um a um, grupo por grupo, durante quinze anos, pela Aliança Internacional da Paz, que aos poucos substituiu a Organização das Nações Unidas e sua imagem desgastada pela pouca efetividade nas intervenções que liderava.

Quem chorava era Vitor, o mais emotivo dos três, talvez porque se dedicasse também à escrita. Era poeta na maior parte do tempo e contribuía com os negócios dos irmãos como um mentor, que propunha reflexões profundas, algumas vezes desconsideradas pelos outros dois, que eram mais práticos.

Artur se comoveu com o choro de um homem que tinha a sua idade e foi até ele, agachando-se à sua frente, demonstrando que conhecia o seu sofrimento de irmão. Vitor se sentiu acolhido e falou entre lágrimas:

— Artur, agradeço a permissão de sua família de estarmos presentes, mas não sei como contribuir com o debate. Não sei o que dizer, pois a cada minuto penso numa solução diferente e contraditória. Não estou em condições de analisar e sugerir atitudes. Meu envolvimento com minha irmã é muito grande e depois de todo o sofrimento pelo risco de perdê-la por conta da doença, descansei o meu coração com sua recuperação surpreendente. Agora, conhecendo essa situação, não consigo deixar de pensar que teria sido melhor que ela tivesse morrido, pois assim nada disso estaria acontecendo. Sofro muito por pensar isso, muito.

Nada se movia naquela sala. Parecia que ninguém respirava e só o som de um choro convulsivo existia.

Mel se levantou e, em silêncio, foi até a cozinha. Lia foi atrás e em seguida as duas começaram a colocar na mesa de centro os pratos com as delícias de Ester. Amon e Sil serviram um chá gelado revigorante, que tinha um aroma leve e forte sabor de hortelã. Assim, depois de algum tempo, a conversa teve que continuar. Artur, que havia ido lavar as mãos, voltou do lavabo e recomeçou.

— Vitor, espero que esteja melhor e saiba que estamos todos juntos nessa situação, apesar da opinião de Pillar. Felício e Samir, gostariam de falar alguma coisa? — indagou.

Felício e Samir balançaram a cabeça em sinal negativo.

Artur, compreendendo a situação delicada em que os irmãos de Eleonora se encontravam naquela casa, resolveu seguir com mais delicadeza, prometendo-se em silêncio que não perderia a calma com Pillar, pois para os três, seria como se estivesse agredindo também a sua irmã, Eleonora.

Enquanto divagava na promessa difícil que fazia a si mesmo, atentou para a presença de um convidado que era desconhecido da fa-

mília, Dr. Moretti, um prestigiado médico cientista, amigo de Amon. Era um homem baixo e forte, com expressão suave, apesar do rosto de traços marcantes. Talvez a suavidade viesse dos olhos azuis, claros e quase infantis. Dr. Moretti estava ali para responder a pergunta feita por Sil, pois era o tipo de pergunta previsível nessa situação.

— Dr. Moretti, por favor, solicito sua opinião sobre o estado de saúde e prognóstico de vida de Eleonora — pediu Artur.

Dr. Moretti se levantou:

— Como sabem, sou médico especialista em doenças autoimunes e pesquisador de suas causas. Houve muita evolução no tratamento de doenças causadas pelo próprio organismo e sabemos que são deflagradas quando nosso mecanismo de defesa natural interpreta de forma errada alguma cadeia de células e até mesmo órgãos. Começa uma luta entre essas células ou órgãos e o sistema imunológico libera um ataque ao suposto agressor. No caso de Eleonora, a doença se generalizou de tal forma que, em pouco tempo, não havia mais tratamento. A falência dos órgãos vitais era inevitável. Pesquisei profundamente o seu caso e em dado momento da pesquisa, nos relatórios do médico responsável por Eleonora, atentei para uma observação. Era apenas uma breve anotação que dizia que a paciente estava em tratamento espiritual e havia decidido se curar. Essa anotação me chamou a atenção pelo fato de ter uma crença pessoal de que se a doença autoimune é criada pelo próprio organismo, esse mesmo organismo pode se curar. Associando essa crença aos estudos dos diversos institutos de câncer no mundo e a magnífica redução de aparecimento de casos em função do uso da psicanálise preventiva na área da saúde, resolvi verificar se Eleonora estava também fazendo algum tipo de tratamento psicológico e havia mais uma anotação, feita duas semanas depois da primeira, sobre a decisão de se curar. Eleonora iria passar quinze dias isolada num mosteiro de freiras para ficar em silêncio absoluto. Fui

pesquisar o tratamento e encontrei o mosteiro no interior de São Paulo. O tratamento consiste em acordar cedo, tomar banhos frios, chá quente, alimentação saudável e não emitir nenhuma palavra ou se comunicar de qualquer outra forma, apesar das várias pessoas presentes, passando pelo mesmo tratamento. A freira que cuida do mosteiro me garantiu que a eficácia está no silêncio absoluto, que proporciona ao paciente uma reflexão profunda sobre si mesmo e em seguida começa um processo de equilíbrio orgânico. Para ela, os conflitos internos nos desequilibram de forma tal que surgem as doenças de todo tipo. Conhecendo-se verdadeiramente, o ser humano pode lidar com sua real existência e travar uma luta com seus maus pendores, o que o leva a um caminho de aceitação e evolução. Conversamos durante duas horas e no final da nossa conversa a freira fez uma saudação, quase se ajoelhando na minha frente. O sinal de holograma estava perfeito e consegui perceber a paz verdadeira naquela mulher. Em seguida, procurei Eleonora. Ela estava preparando a nova internação na clínica de descanso em que está hoje. Estava animada e não parecia precisar de descanso. Me contou poucas coisas sobre os tratamentos espirituais e de silêncio que fez, mas fiquei intrigado com uma frase de Eleonora. No meio da nossa breve conversa, ela me disse: “Doutor, de fato estou curada”, e me apresentou os exames que acabara de receber. Nada havia de errado com aquela mulher. Não havia um exame parecido com os que verifiquei na minha pesquisa inicial sobre sua saúde. Sendo assim, garanto-lhes: Eleonora está curada do ponto de vista médico. Porém, não podemos saber se seu organismo pode voltar a se interpretar de forma equivocada e lhe causar a morte, mas não posso lhes dar essa garantia com relação a qualquer um de nós. Só uma coisa ainda me intriga: o que faz Eleonora numa clínica de descanso, se estava tão bem-disposta e confiante?

Samir se manifestou:

— Eu mesmo levei Eleonora à clínica e recebo mensagens dela

todos os dias. Ela realmente estava e permanece bem-disposta e alegre.

Pillar franziu a testa, como se procurasse a resposta, já que conhecia tão bem a amiga e professora, mas não vislumbrava nenhuma pista.

Ester, que já havia levado as bandejas e xícaras para a lavagem, sentou-se e pediu a palavra:

— Meus queridos, Dr. Moretti, Vitor, Felício e Samir, acredito que nada mais há que se esclarecer. Temos uma decisão a tomar. No meu entender, devemos fazer o que é correto, levando o caso à Justa Polícia e apoiar Pillar e Eleonora, pois podemos imaginar as sanções que as esperam. Se forem isoladas no Campo de Regeneração, Eleonora não poderá cuidar de seu bebê. Dessa forma, a família que adotou seu filho e a própria criança nada sofrerão, pelo menos nos próximos anos. Se forem perdoadas, teremos que apoiar também os pais adotivos da criança. Mas devemos convocar a audiência na Justa Polícia imediatamente, para não nos comprometermos ainda mais e virarmos coniventes desta insanidade.

Pillar estremeceu, pois sua avó era só carinho e a defendia sempre. Chamou-a de insana e sua esperança pelo seu apoio se foi, pelo menos da forma como ela imaginava receber.

— Imagino que o silêncio seja concordância, estou certa?

Todos concordaram com a cabeça, até mesmo Dr. Moretti.

Ester sinalizou com a mão, e Lia trouxe o seu suporte de holograma. Pillar se contorceu e se levantou de súbito. Artur a abraçou, colocando seu rosto em seu peito, para que ela chorasse. Só assim Pillar chorava, no peito do irmão, abraçada por ele. Ele também ficou emocionado e tudo em volta era silêncio.

Ester subiu no suporte e Lia fez a conexão. Ester se apresentou e solicitou a audiência de denúncia a uma imagem na tela transparente à sua frente. O policial registrou algo, provavelmente na mesa que não



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2019